

LOUCURA E GÊNERO FEMININO: UMA ANÁLISE DO ALIENISMO E DOS HOSPITAIS PSIQUIÁTRICOS

Maria Fernanda Furlan Marinho Lessa¹

¹Graduanda em História pela Universidade do Sagrado Coração. Artigo Científico realizado para as disciplinas de História do Brasil IV e História Contemporânea II, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Lourdes M. G. Conde Feitosa e do Prof.^o M.e Roger Marcelo M. Gomes

RESUMO

O presente artigo visa analisar a historiografia sobre mulheres definidas alienadas, levando em conta os padrões socioculturais no século XIX e XX – E de como a imposição desse padrão social, levou inúmeras mulheres à internação em hospícios como o Pitié-Salpêtrière, na França, o Juquery e o Hospital Nacional de Alienados no Brasil. Ser mulher dentro de uma sociedade conservadora, que imperava neste período, implicava em ter uma vida com inúmeras restrições, como trabalhar, estudar, a maneira de se portar perante a sociedade, bem como, a roupa e o cabelo considerado adequados. Tudo deveria estar de acordo com os padrões socioculturais deste período. As personagens femininas que não seguiam tais exigências eram consideradas alienadas, loucas. Na grande maioria dos casos, suas vidas se esvaíam nos hospícios, que não davam um tratamento humanizado às pessoas. Vamos analisar mais a fundo os hospitais psiquiátricos na Europa e no Brasil, o tipo de tratamento oferecido aos internos pelos médicos alienistas e os diagnósticos feitos pelos mesmos, focando no gênero feminino.

Palavras-chave: Alienismo. Juquery. Mulheres. Hospício. Brasil. Europa.

1 A TRAJETÓRIA DA LOUCURA NO ASPECTO SOCIAL

Com a ruptura ocorrida no final da Idade Média, os indivíduos considerados loucos (seja por ter um distúrbio mental ou por não concordar com os padrões impostos pela sociedade), foram excluídos da sociedade e submetidos aos piores métodos e tipos de tratamento. Até então, os indivíduos considerados loucos eram bem aceitos em todas as esferas da sociedade e viviam completamente inseridos.

No século XVII, ocorreu uma drástica mudança no trato das pessoas consideradas loucas, quando por ordem dos reis os indivíduos considerados loucos começaram a ser afastados da coletividade à força, junto com os vagabundos, criminosos, libertinos, homossexuais e todos aqueles que perturbavam a ordem social. Para Foucault (2002), isto foi denominado de “grande internação”, quando um grande número de pessoas foi afastada da sociedade, impedidas de viver em coletividade, vivendo a partir desse momento à margem da sociedade, tratados como animais selvagens, sendo considerados uma grande ameaça.

No início do século XIX o olhar sobre a loucura mudou. Os estudos da psiquiatria emergiram, então os alienados viraram objeto de estudos de muitos cientistas como, Pinel e Esquirol. Diante desse avanço na ciência da psique humana, começaram a surgir medidas que regulamentaram os hospícios, os loucos ainda eram mantidos presos em um regime escasso da mínima condição de habitação humana.

Definidos como espaços de degradação, sofrimento, desesperança e incurabilidade, os hospícios foram palco da degradação e deterioração do ser humano. Isso ocorria tanto na Europa, quanto nos hospícios brasileiros. Dentre inúmeros exemplos, vamos analisar mais a fundo o dia-a-dia desses pacientes, o conceito de alienismo, as práticas médicas, a estrutura dos hospícios, prontuários de pacientes, colocando uma importante reflexão da segregação social, racial, de gênero, e sobretudo destacando a participação das mulheres neste abatido cenário dos séculos XIX e XX.

2 MULHERES, FEMINISMO E ALIENISMO

Adentrando à participação das mulheres nos séculos XIX e XX, o movimento feminista surgiu no século XIX, com a busca das mulheres em sair do estereótipo de boa mãe, esposa e cuidadora do lar, almejando exercer seus direitos básicos como cidadãs. Este movimento vem ganhando gradualmente mais expressão até os dias Atuais. No contexto social do final do século XVIII e início do século XIX, as tarefas cotidianas dos homens e das mulheres eram bem delimitadas, bem como, suas posições perante a sociedade.

Neste período, tivemos muitas mulheres que se interessavam, estudavam e até participavam ativamente da política e economia, mesmo cientes de que seus deveres eram restritos aos cuidados da família. Como consequência de não seguir o padrão imposto pela sociedade, eram taxadas de alienadas, loucas, internadas em hospícios ou então, tinham seu pescoço colocado sob a guilhotina.

Como na revolução francesa, tivemos importantes personagens femininos que estiveram à frente de seu tempo, se engajaram, não se calando sob os acontecimentos da revolução. Essas mulheres lutaram e tiveram voz na sociedade através de impressos e manuscritos, fizeram-se presentes sem temer as consequências, expondo seus pensamentos, sua ideologia.

Uma personagem importante foi Olympe de Gouges, sendo a primeira a clamar pelos direitos políticos das mulheres através de cartas em apelo aos alienados:

Face à fome, após um apelo público e pelo exemplo notável de sacrifício e coragem, ela decidiu muitas mulheres a doarem as sua joias ao Estado. Humanista, fará uma descrição comovente da miséria no hospício de Saint-Denis, e consciente da situação degradante da mendicidade (BESSIÈRES, 1991, p.20).

Olympe foi uma entre muitas mulheres que não aceitaram o estereótipo de mulher que a sociedade empregava. Essa personagem deu voz a milhares de mulheres que não tinham coragem de se expressar, por medo, repressão, medo de morrer em um hospício ou ter que viver à margem da sociedade. Sem pretender, Olympe impulsionou futuras gerações a não se calarem, sob nenhuma ameaça ou circunstância, dando voz as mulheres.

2.1 THÉROIGNE DE MÉRICOURT E O HOSPÍCIO DE SALPÊTRIÈRE

Ainda analisando personagens femininas dentro da revolução francesa, temos a marcante participação de Théroigne de Mericourt (1762-1817), que marcou a atuação feminina no período, por ter uma representatividade muito grande na luta feminina dentro da revolução francesa. Como causa de toda sua participação política e sua representatividade, Théroigne foi tida como louca, passando 23 anos interna no hospício de Salpêtrière. Anne-Josèphe Terwagne: uma mulher à frente do seu tempo, pioneira do feminismo, tida como louca, vítima da contrarrevolução:

A melancolia dessa mulher revolucionária, pioneira do feminismo original, que se afundou na loucura na época do Terror parecia-se estranhamente com a doença da desesperança que atingiu os heróis de nossa aventura althussero-lacaniana condenados a morte, ao suicídio ou a loucura por não terem podido fazer o luto da Revolução fracassada (ROUDINESCO, 1997, p.75).

Théroigne se identificou com a Revolução Francesa, e nela via uma grande esperança. Essa mulher que viveu entre a melancolia e a euforia, devido ao seu comprometimento e engajamento com a revolução. Ela visualizava uma oportunidade de grandes mudanças sociais e grandes avanços.

Mudou-se para o Palácio de Versalhes afim de assistir as reuniões da Assembleia Nacional. Isso se tornou a rotina de Théroigne em Verslhes, ela era uma das primeiras participantes a chegar e uma das últimas a sair, devido a tanto entusiasmo. Ela passou a seguir a Assembleia Nacional – quando a sede se mudou para a cidade de Paris, no ano de 1789, relacionando-se e participando ativamente em todas as reuniões, dando voz às mulheres e se engajando cada vez mais nas questões ligadas a Revolução. Toda essa movimentação de Théroigne a tornou uma figura bastante popular, mantinha contato com pessoas muito influentes na época.

Mesmo diante de seu engajamento, para Roudinesco (1997), sua história se confundia com a do feminismo teórico – no qual as mulheres lutavam igualmente por direitos civis e políticos, entretanto, mesmo com sua euforia e dedicação na Revolução, começou a visualizar que a mesma não traria as mudanças necessárias, que eram esperadas diante de uma grande expectativa.

Diante da melancolia e da desesperança, deixou o cenário político em 1792. Acabou vencida pelas Cidadãs Republicanas – mulheres anônimas, que participaram com atos de violência da evicção das Girondinas, como consequência dessa violência, Théroigne foi humilhada e chicoteada, ocasionando o ponto final na sua participação política.

Seus delírios ocorreram no momento em que a Revolução deixou de defender a causa feminina. Atacada por outras mulheres acaba frustrada com a causa, apresentando grande estado de melancolia, sendo internada no hospício de Salpêtrière. No ano de 1816, foi examinada por Esquirol¹, que redigiu seu caso:

[...] mostrei que o juízo de Esquirol sobre Théroigne seguia os contornos de uma historiografia monarquista reativada pela restauração. Esquecendo que a heroína havia sido Girondina, o alienista a comparava a uma fúria do povo, metade agitadora, metade prostituta, para provar que ela encarnava os desvarios de uma Revolução odiada dali em diante. Embora não houvesse sido a causa primeira da loucura de Théroigne, foi entretanto causa essencial de sua entrada numa loucura total, crônica e incurável (ROUDINESCO, 1997, p.79).

O hospício de Salpêtrière fica situado na França e era conhecido pela péssima infraestrutura e pelas más condições em que viviam os pacientes. Serviu de prisão as pessoas consideradas degeneradas, loucos morais, prostitutas, alienados, epiléticos, criminosos, pessoas que não se enquadravam nos padrões sociais europeus. O ambiente era sujo e constantemente superlotado. Os espaços do hospício eram divididos entre pessoas alijadas da sociedade e os inúmeros ratos que ali habitavam.

¹ Médico 1772-1840. Lutou pela aprovação da primeira lei de alienados na França. Fundou o primeiro curso para o tratamento das enfermidades mentais. Seu trabalho teve grande influência no hospício de Pedro II. (ROUDINESCO, 1997, p.79)

Théroigne de Mericourt viveu 23 anos de sua vida neste ambiente hostil, faleceu em 1817 e nos deixou a imagem de uma mulher forte e revolucionária. Depressiva, desiludida com o mundo e desentendida pela sociedade, foi taxada de louca, por sua participação ativa na sociedade e na política, seu engajamento com a Revolução e sua ideologia.

2.2 ALIENISMO NO BRASIL – SÉCULOS XIX E XX

O termo alienação mental ganhou destaque na segunda metade do século XIX. No Brasil, no ano de 1903, a Comissão de Saúde Pública da Câmara aprovou a mensagem do Executivo sobre a assistência aos alienados.

Já neste período, os doentes mentais começam a receber um tratamento mais humanizado, deixaram se der alijados na sociedade, adquirindo alguns direitos que se tornaram muito importantes, dando um grande passo na história, perante os avanços que os doentes mentais conquistaram até os dias atuais. Mesmo este sendo apenas o início de uma conscientização por parte da sociedade, e o começo da luta antimanicomial no Brasil. Havia muitos direitos a serem conquistados neste campo, e muito o que se aprofundar em teorias científicas na medicina psiquiátrica.

Logo abaixo, vemos a fachada do hospício de Pedro II, notamos que ele tem um espaço físico muito amplo e contém alguns bancos e árvores na área externa. Sua inauguração se deu no ano de 1854. Estava apto a receber trezentos pacientes em sua totalidade. Segundo Facchianetti (2008), os primeiros ocupantes foram compostos por 74 homens e 66 mulheres, dos quais 126 eram considerados tranquilos, 10 agitados e 4 tidos como imundos. Destes mesmos, 63 eram brasileiros, 57 estrangeiros e 20 possuíam a nacionalidade ignorada.

Figura 1 - **Hospício de Pedro II**, Praia Vermelha, Rio de Janeiro: imperial de Rensburg, 1911



Fonte: Disponível em:

<http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon46391/icon46391_10.jpg>

No período do segundo reinado no Brasil, tornou-se recorrente a ideia de que os loucos deveriam permanecer reclusos do meio social e de que deveriam obter o tratamento de forma totalmente isolada, tendo contato apenas com médicos e enfermeiros especializados. Tal exigência por especialização foi resultado do movimento alienista – que é embasado nos estudos de Jean-Étienne Esquirol e Phillippe Pinel, através da obra “Tratado Médico Filosófico sobre Alienação Mental”. Ambos os médicos, fundadores do alienismo moderno, ofereciam tratamentos de caráter e eficácia duvidosos.

Durante os primeiros meses de funcionamento, notou-se um elevado número de falecimentos, atribuído à insalubridade e as precárias condições dos estabelecimentos que abrigavam os alienados antes da inauguração do novo edifício, e ao fato de muitos terem ingressado já enfermos, com outras doenças, no hospício. Essas mortes, contudo, eram contrabalançadas pela grande quantidade de curas obtidas no mesmo período, em decorrência do sistema e tratamento higiênico ali empregados (BARRETO, 1993, p.53).

O hospício foi inaugurado no ano de 1854, denominado Pedro II, posteriormente chamado de Hospício Nacional de Alienados e já no século XX Hospital Nacional de Alienados. Durante todo esse período, abrigou milhares de pessoas, de todas as classes sócio-culturais, entre estrangeiros, indigentes, brasileiros, mulheres e até mesmo escritores como, Afonso Henriques de Lima Barreto, interno de 1919 a 1920.

3 HOSPITAL PSIQUIÁTRICO DO JUQUERY

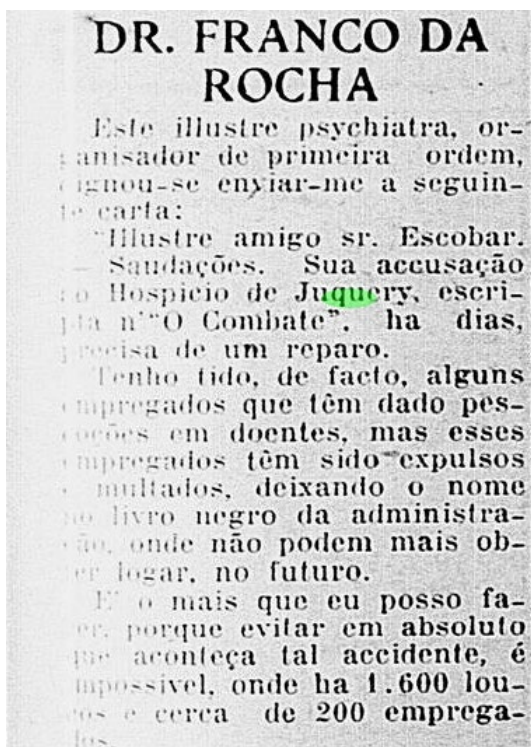
Denominado de “Habitação do diabo, casa infernal, desterro, lugar de prisão, bastilha, lugar de malucos [...]” (CUNHA, 1996), o hospício do Juquery, localizado em Franco da Rocha, região metropolitana de São Paulo – antigo município de Juqueri, foi inaugurado no ano de 1898, pelo psiquiatra paulista Franco da Rocha.

É importante analisarmos o fluxo de pessoas que passaram pelo Juquery, pois o número de pacientes, nos diz muito sobre a sociedade em que estávamos inseridas. Durante todas as fases de funcionamento do Juquery, vemos nos pacientes, um reflexo sócio-cultural da década analisada.

Analisamos também, a superlotação e qual era o tratamento oferecido aos internos diante desta condição.

Ao analisarmos a imagem abaixo, temos o periódico “O Combate” do ano de 1917. Nota-se que há uma nota de esclarecimento de um dos médicos responsáveis e fundadores do hospício, Franco da Rocha. O mesmo reconhece a superpopulação de internos, que chegava a um número de 1.600 pessoas, bem como, os maus-tratos e agressões proferidas dos funcionários, enfermeiros e médicos aos pacientes.

Figura 2 - Periódico **O COMBATE**, São Paulo, 15 de Março de 1920.



Fonte: Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830453&PagFis=3079&Pesq=juquery>

Quando ciente de tais acontecimentos, o Dr. Franco da Rocha afirma que há a expulsão de tais funcionários, que teriam seus nomes gravados em uma lista negra da administração hospitalar. O mesmo ainda justifica que tais problemas e estas ocorrências, são causadas pela falta de funcionários qualificados, pois, neste período o hospital contava com apenas 200 funcionários para atender uma demanda muito alta de internos.

Mais adiante, no ano de 1958, foram abrigadas 14 mil pessoas, dentre estes 3.520 eram crianças. Portanto, vemos no hospício do Juquery o reflexo da explosão migratória provocada pelo desenvolvimento industrial nos anos de 1960, que contribuiu para o aumento do desemprego, mendicância e marginalidade.

Segundo Sakaguchi (2016), vemos também no hospício do Juquery os reflexos causados pela ditadura cívica-militar, no período de 1964 à 1985. Que tem como uma das principais características a restrição do exercício da cidadania, a quebra da democracia e a resposta à oposição, com violência, repressão e truculência. O hospital foi de grande importância por abrigar pessoas consideradas inconvenientes aos novos padrões políticos e sociais implantados.

Nesse período, no Hospital Psiquiátrico do Juquery houve incrível aumento das internações e o número de internos que era de 7.099 em 1957 atinge 14.438 internos em 1968.(4) Esses dados revelam a necessidade do Estado em investir nesses espaços legitimados para a limpeza social; a assistência preconizada como científica passou a ser a da violência, a face do sistema político vigente (SAKAGUCHI, 2016, p.477).

O hospício do Juquery abrigou ao longo do tempo, todos aqueles que eram descartáveis na sociedade, por não se enquadrarem ou por atrapalharem a ordem social de alguma forma, fazendo oposição às regras.

Insanos, doidos, dementes, lunáticos, loucos, do latim “*Insanus*”, ou alienados, o termo mais utilizado no século XX, eram denominados socialmente, todos àqueles indivíduos que não seguiam o padrão social de influência europeia no Brasil. Todos aqueles indivíduos que não detinham o perfil e as características padronizadas esperadas pela sociedade, considerados inconvenientes.

Dentro desse contexto social, damos um destaque às mulheres, que sofreram repressão ainda maior, que tinham seu direito restringido, não podiam exercer seu papel fundamental de cidadã. Ao expressar o menor resquício de pensamento crítico, gostos diferentes, especialmente inclinação para os estudos, representavam uma ameaça a uma sociedade machista, conservadora e preconceituosa da época.

Com isso, vemos através do prontuário de uma paciente o perfil de uma das internas do Juquery reflete a sociedade dos anos de 1920. Antônia, 22 anos, parda, procedente da capital, clinicada como degenerada, demente e fraca de espírito. Condenada por usar trajes não adequados para uma mulher no século XX, não tendo o mínimo direito à liberdade de expressão, de opção, e de controle sobre os próprios bens.

[...] Frequentou o colégio, onde aprendeu a ler e escrever. Não consta que houvesse padecido de moléstias graves. Foi sempre um pouco débil de constituição, como de regra sucede os mestiços entre nós. Por morte de seu progenitor, é que começa a sua história mental propriamente dita. Usufruindo um pequeno rendimento de herança, entregue a si mesma, começou a revelar-se incapaz de gerir seus bens, que dissipava sem conta [...] Um pouco mais tarde, sua conduta começou a manifestar singularidades. Certa vez, comprou trajes masculinos e saiu a viajar neste estado. Foi reconhecida como mulher e presa pela polícia. Achamos pelo exposto, que se trata de uma degenerada fraca de espírito em que se vai instalando, pouco a pouco, a demência (CUNHA, 1996, p.143).

Ao analisarmos este prontuário, fica implícito que a paciente fazia parte de um grupo minoritário do hospício, os “degenerados” ou “loucos morais” eram compostos por pensionistas, ou seja, pessoas que vinham de famílias bem estruturadas, com considerável nível de instrução, e alguns bens materiais, que por lei, tinham direito à sucessão.

Fica claro a diferenciação nas análises femininas, e como as mulheres foram, diagnosticadas e tratadas de forma diferente em relação aos homens. Esta distinção se dá através dos diagnósticos oficializados nos prontuários. Poucos homens no Juquery apresentam sintomas como: abandono e negação do próprio corpo, tomar cuidados excessivos com a beleza, usar muita maquiagem, até mesmo delírio místico, são definições encontradas na maioria dos prontuários femininos.

Portanto, para Cunha (1996), a interdição da sexualidade feminina era clara. Toda mulher que não fosse considerada do lar e que não fosse cuidadosa em seu casamento, era tida como louca moral, pelo viés de que sua sexualidade estava fora dos limites aceitáveis na época.

Se vestir de homem, viajar sozinha, recusar o matrimônio, a maternidade, a família, contrariar o irmão, a figura paterna, manifestar qualquer sinal de independência, que fugisse à regra do papel de boa esposa e mãe de família no século XX era certamente, um motivo para ser tida como alienada.

O controle da sexualidade feminina era restringido à sua função de reprodutora da família, não tendo direito ao exercício da própria sexualidade. Dentro desses grupos de mulheres, postos no Juquery, a questão da sexualidade estava associada as mulheres “históricas”, este grupo, composto em sua maioria por mulheres casadas, que tinham problemas para engravidar, sofriam abortos ou não conseguiam ter filhos eram alijadas da sociedade.

Casada, desde a primeira relação não teve gozo sexual. Supondo sofrer de alguma moléstia uterina, principalmente depois de ter tido um aborto [...] O último médico afirmou-lhe que era necessário ter filhos para ficar completamente boa, de modo que a doente, preocupada com a ideia de uma moléstia uterina, preocupada com a falta de gozo sexual, foi se tornando agitada, até que uma crise maníaca apareceu (CUNHA, 1996, p. 147).

Dentre as mulheres pensionistas e as solteiras, existia um padrão: eram mulheres sem nenhum espaço no meio social, excluídas das esferas de boas mães e boas esposas, eram consideradas frustradas e desajeitadas pelos alienistas.

Dentro do espaço do hospital havia um nível hierárquico, que se manifestava desde pequenas ações corriqueiras do dia-a-dia, até atenção, alimentação e cuidados médicos aos pacientes. Segundo Cunha, (1996) as pacientes brancas e brasileiras tinham mais atenção e cuidados por parte dos médicos e enfermeiros. Dentro dos piores tratamentos, a pior posição social e hierárquica dentro do hospício estava com as mulheres negras.

Este grupo de mulheres era visto e tratado pelos médicos alienistas como portadoras de uma dupla inferioridade, as tornando mais próximas da natureza do que da condição humana. Consideradas originárias de classes perigosas e populares, de contingência quase natural, ou seja, estereotipadas como inferiores, pela teoria da degenerescência e pela posição social – nos quais, a raça, a cor e a sua origem familiar influenciavam no diagnóstico dessas pacientes.

Outro grupo que constituía o hospício do Juquery, eram as mulheres solteiras: com mais de 30 anos (neste contexto, ser solteira, com idade acima de 30 anos era considerado um certo indício de problemas para os valores sociais da época), sem trabalho e adaptadas a tutela dos pais ou dos irmãos, sem nenhum trabalho, função ou espaço social. Mulheres que são excluídas naturalmente da esfera natural de mães de família, inúteis perante a sociedade, configuram um grupo chamado pelos Alienistas de “desajustadas” e “frustradas”.

3 CONCLUSÕES

Portanto, notamos a forma cruel de como os pacientes dos hospícios, posteriormente denominados hospitais psiquiátricos, eram tratados. O desprezo da sociedade em relação às pessoas tidas como deficientes mentais, loucas, alienadas. Analisamos o descaso com os pacientes, a falta de estrutura, a superlotação dos hospitais psiquiátricos na Europa e no Brasil. Aprofundando e levando em conta as questões socioculturais de cada época, de como o tipo de governo que imperava e ideologia implantada, refletia nos pacientes de tais hospitais, bem como, a forma hierárquica de funcionamento dessas instituições, o tratamento utilizado pela medicina psiquiátrica, os maus tratos recebidos pelos pacientes e as péssimas condições sanitárias e higiênica dessas instituições

Salientamos o preconceito racial, que foi perpetuado pela teoria da degenerescência e sobretudo, o preconceito com o gênero feminino, e as diversas classificações em que eram subdivididos as personagens alienadas. Entre históricas, loucas morais, degeneradas, solteiras, estudiosas, haviam diversas formas de enlouquecer predominantemente femininas, como o delírio místico e qualquer impulso de independência e emancipação, quadros de loucura

periódica e naturalidade doentia eram atribuídos às mulheres que estavam à frente de seu tempo, neste cenário abatido da historiográfica dos hospícios e da alienação no século XIX e XX.

MADNESS AND THE FEMALE GENDER: AN ANALYSIS OF ALIENISM AND PSYCHIATRIC HOSPITALS

ABSTRACT

This study aims to analyze the historiography of women defined as alienated, considering the sociocultural patterns in the 19th and 20th centuries, and how the imposition of this social pattern led many women to hospitalization in the asylum such as the Pitié-Salpêtrière, in France, and the Juquery and the *Hospital Nacional de Alienados*, in Brazil. To be a woman in a conservative society like the one that prevailed in this period implies having a life with numerous restrictions, such as working, studying, and the way to behave in society, as well as the clothes and hair considered appropriate. Everything should be in accordance with the sociocultural standards of the period. Female characters that did not follow such demands were considered alienated, crazy. In most cases, their lives were lost in asylums, which did not give humanized treatment to people. Psychiatric hospitals in Europe and Brazil will be analyzed further, as well as the type of treatment offered to inmates by alienist doctors and their diagnosis, focusing on the female gender.

Keywords: Alienism, Juquery. Women. Asylum. Brazil. Europe.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do hospício; o cemitério dos vivos**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1993.

BESSIÈRES, Y.; NIEDZWIECKI, P. **As mulheres na Revolução Francesa**, 1991

COSTA, F.; MEDEIROS, M. **Alguns conceitos entre a Psiquiatria e a saúde mental: diálogos entre os opostos**, 2007.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O Espelho Do Mundo: Juquery, a história de um asilo**, 1996.

Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832 -1930), Acesso em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/hospedro.htm>>

FACCHIANETTI, C.; RIBEIRO, A.; MUÑOZ, P. **As insanas do Hospício Nacional de Alienados**, 2008.

FACCHIANETTI, C.; RIBEIRO, A.; CHAGAS, D.; REIS, C. **No Labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados**, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**, ed. Perspectiva, 2002.

GOMES, G. **História, mulher e gênero**, 2009.

MARQUES, A. M. **As Revoluções Burguesas**. In: História Contemporânea através de textos. São Paulo: Contexto, 1994.

PAVÃO, S. **Louco e Ciência: a construção do discurso alienista no Rio de Janeiro do século XIX**, 2010.

PORTOCARRERO, Vera. **O século XX e a nova configuração da prática psiquiátrica no Brasil**,

REVISTA HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PEDRO ERNESTO, **A evolução no conceito de depressão no século XX**. Vol. 10, N. 2

ROUDINESCO, E. **Théroigne de Mericourt. Uma mulher melancólica durante a revolução**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. Coleção Gênero Plural.

SAKAGUCHI, Douglas Sherer; MARCOLAN, João Fernando. History unveiled in Juquery: intramural psychiatric care in the civic-military dictatorship. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 29, n. 4, p. 476-481, 2016.